

Ana Júlia Cornélio Ribeiro

Amores Líquidos

No Divã de Zygmunt Bauman

Como a Pós-Modernidade Afeta as
Relações do Sujeito

2021

Ana Júlia Cornélio Ribeiro

Amores líquidos

No Divã de Zygmunt Bauman

Como a Pós-Modernidade Afeta as
Relações do Sujeito

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção
do título de MESTRE em Ciências
Sociais, sob a orientação do Prof. Dr.
Edgard de Assis Carvalho.

São Paulo
2021

Ribeiro, Ana Júlia Cornélio.

Amores líquidos no divã de Zygmunt Bauman: como a pós-modernidade afeta as relações do sujeito / Ana Júlia Cornélio Ribeiro. São Paulo, 2021. 120p.

Orientador: Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.

Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, 2021.

Área de Concentração: Antropologia.

1. Zygmunt Bauman. 2. Amor líquido. 3. Modernidade líquida. I. Carvalho, Edgard de Assis. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. III. Amores líquidos no divã de Zygmunt Bauman: como a pós-modernidade afeta as relações

Com amor, respeito e dedicação tudo é passível de realização.

Agradecimentos

Descobri ao longo desse processo que escrever uma dissertação envolve - para além dos muitos mergulhos profundos nas teorias do conhecimento - atos de reflexões sobre a subjetividade. A maior dificuldade em expor ideias em uma dissertação é sistematizar, e eventualmente criticar, com responsabilidade, maturidade e integridade o que pensadores já refletiram sobre o mundo da cultura. Ao aprofundar as reflexões de Edgar Morin sobre arte e ciência me deparei com os dilemas que vivencio como artista e professora. Tais atividades podem ser consideradas opostas na mente de muitos, mas, para mim, são ao mesmo tempo antagônicas e complementares.

Escrever para quem admiro, ser lida e respeitada pela posição de minhas ideias foi o maior presente que recebi no processo da minha formação. Esse presente veio primeiro de alguém que, para além de professor, tradutor, antropólogo, analista, orientador e pesquisador, é um cidadão de responsabilidade afetiva para com todos os que estão ao seu redor. Trata-se de um ser humano que dá direções, orientações, amplia possibilidades, esclarece, escuta, corrige, estimula, abre os olhos, permite que seus orientandos tenham responsabilidade de prazos e principalmente responsabilidade diante de suas criações. Esse é o papel do orientador.

Resumo

A dissertação analisa como a pós-modernidade afeta as relações do sujeito, dialogando com a fragilidade dos laços humanos de forma que a insegurança inspirada por essa condição estimula posturas conflitantes e ambivalentes: vontades e desejos de estreitar laços afetivos e, ao mesmo tempo, deixando-os frouxos. Afinal, o medo e a cultura do narcisismo crescem. A individualidade ganha espaço exacerbado, deixando a solidão cada dia mais próxima de um sujeito aflito, inseguro e deprimido, que teme conviver e investir seu tempo e afeto em relações duradouras. O sociólogo Zygmunt Bauman, em seu livro *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, afirma que “sem humildade e coragem, não há amor” (2004, p. 22). Como sustentar laços amorosos e afetivos em tempos de sociedade medrosa e narcisista? A forma de amar padece dia após dia; as relações são baseadas na glória, na necessidade de admirar e ser admirado, o que as torna fugazes e inconsistentes. As obras desse autor foram as principais ferramentas teóricas selecionadas como bibliografia para esta dissertação de mestrado, cujo objetivo é analisar alguns aspectos da contemporaneidade.

Palavras-chave: Zygmunt Bauman. Amor líquido. Modernidade líquida. Cultura.

Abstract

This thesis analyzes how post-modernity affects the relations of the subject, in dialogue with the fragility of human bonds so that the insecurity inspired by this condition stimulates conflicting and ambivalent postures: wills and desires of strengthening affectional bonds while letting them loose. After all, there is a growth of fear and cultural narcissism. In addition, there is an exaggerated space of individuality, leaving loneliness each day closer and closer to a subject: distressed, insecure and depressed, who fears to live and invest their time and affection in lasting relationships.

The sociologist Zygmunt Bauman, in his book *Liquid Love*, states that “without humility and courage, there is no love” (BAUMAN, 2004, p. 22). So, how to sustain love and affectional bonds in times of such fearful and narcissistic society? The way of loving, as Bauman describes, suffers day after day; relationships are based on glory, on the need to admire and be admired, which makes them fleeting and inconsistent. Therefore, the works of this author are the main theoretical tools selected as bibliography of this Master’s degree dissertation, whose objective is to some aspects of contemporaneity.

Key words: Zygmunt Bauman. Liquid love. Liquid modernity. Culture

Como lidamos com nossos afetos diante de tantas possibilidades e incertezas? Existe um padrão para a efemeridade das relações?

Esse livro é uma dissertação de mestrado em ciências sociais que através da poesia, do cinema e de histórias de pessoas transformadas em personas analisa os amores líquidos no divã de Zygmunt Bauman.

Refletindo sobre laços afetivos que nos intrigam em algum momento da existência e que escorrem pelo ralo quando tentamos solidificá-los.

SUMÁRIO

Introdução	25
A Marcha Da Solidão	29
Solidão	55
Mudanças	69
O Homem Pós-Moderno e a Sociedade Líquida ⁷⁵	
Os Desafios da Convivência	85
Exemplos da Imaturidade Emocional Contemporânea	95
Corpus de Novos Relacionamentos	101
O Caminho Social do Isolamento	147
Exaustão na Vida Pós-Moderna	155
O Amor e Sua Revolução	161
Considerações Finais	177
Referências	185

A Marcha da Solidão

*Veze o peito sofre
hemorragias de medo,
e chora.
Veze saímos do mundo
para a solidão ser cia.
O choro é naufrágio do
coração que cansou de
amar. O amor dilacera,
deprime, repele.
O amor afasta-nos da
verdade Estar só: eis o único
abraço que podemos
recorrer.
Só
Sozinhos somente,
driblando as não verdades
ao redor.
Acanhados, assustados e
des- confiados...
Queremos um colo para
deitar.
Confie no seu travesseiro,
pois o sono
Cura tudo.*

A MARCHA DA SOLIDÃO

“A individualização veio para ficar; todos os que pensam sobre os meios de lidar com seu impacto, sobre a forma como conduzimos nossas vidas, devem começar entendendo esse fato. A individualização traz, para um número crescente de homens e mulheres, uma liberdade sem precedentes para experimentar” Em “*História da Solidão e dos Solitários*”, Georges Minois (2019) exemplifica que a solidude é transformadora e seus benefícios consideráveis para o alcance do autoconhecimento e maturidade exige contemplar os anjos e os demônios de nossas almas. Como ressalta Bauman, essa solidude envolve igualmente uma “tarefa sem precedentes de lidar com suas consequências” (BAUMAN, 2008b, p. 69).

Vivemos na era pós-moderna, o que significa, para além da nomenclatura, uma ruptura com valores, comportamentos e relações tradicionais. O mundo anterior ao pós-moderno é definido como modernidade sólida por Zygmunt Bauman (1998): rígido, previsível, estável e constante, com indivíduos que sabiam, assim que nasciam, exatamente como a vida deles seguiria no fluxo constante de suas tradições familiares.

Na modernidade sólida, os valores familiares eram intrínsecos, a profissão era pré-determinada pelos negócios, aos quais sua origem estava envolvida e sua obrigação era casar para formar uma nova família, dando perpetuação à

espécie, para obter sucesso na trajetória do viver bem. Os vínculos afetivos, portanto, na modernidade sólida, também continham características estáveis, desprovidas de liberdade, mas dotadas de uma segurança material e afetiva que se desfez como a frase em que Marx já previa: “tudo que é sólido desmancha no ar”.

Acontece, assim, ao longo da história da humanidade, a modernidade sólida, com o surgimento de fatores como divórcio, instabilidade econômica, ruptura com valores tradicionais, entre eles a fluidez dos vínculos afetivos, revoluções tecnológicas, surgimento das mídias sociais, entre outros. Essa sequência de acontecimentos revolucionários pós-modernos, foi criada pelo sapiens na busca de independência, na angústia de serem livres para fazer suas próprias escolhas, diante da liberdade e do medo das incertezas. O desequilíbrio do homem pós-moderno pode ser ilustrado como movimento pendular, no qual os seres humanos oscilam entre o desejo de conquistar liberdade e o anseio por dispor de segurança.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1929-1930/2011b, p. 41) afirma que:

“O impulso à liberdade se dirige, portanto, contra determinadas formas de reivindicações da civilização, ou contra ela simplesmente. É pouco provável que mediante alguma influência possamos levar o homem a transformar sua natu-

reza de uma térmita; ele sempre defenderá sua exigência de liberdade individual contra a vontade do grupo.”.

Para analisar o fenômeno dos relacionamentos na modernidade líquida, é necessária a religação entre antropologia, sociologia, filosofia e psicanálise. A pesquisa transdisciplinar faz parte da complexidade dos fenômenos que, por sua vez, não são ocasionalmente catastróficos por uma única razão; o copo transborda por partículas que são opostas e complementares. Lévi-Strauss, tempos antes da realidade na qual estamos, ao refletir sobre o papel da antropologia no mundo moderno, já afirmava os sintomas que viriam a seguir na história de uma humanidade que quer se desligar de seu passado:

“Nas nossas sociedades modernas, as relações com o outro não são mais, senão de modo ocasional e fragmentário, fundadas nessa experiência global, nessa apreensão concreta dos sujeitos uns pelos outros. Elas resultam, na maioria, de reconstruções indiretas com o auxílio de documentos escritos. Estamos ligados a nosso passado, não mais por uma tradição oral que supõe um contato vivido com pessoas, mas por livros e outros documentos empilhados nas bibliotecas, por meio dos quais a crítica se empenha em reconstituir o rosto de seus autores.”. (LÉVI- STRAUSS, 1998 p. 26).